



(Registrado no D.N.I.)



Orgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"  
- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

REDATORES:

Redator - Chefe :  
WALTER BELDA

Secretário :  
ARMANDO BOTTER  
BERNARDI

Tesoureiro :  
JOSE ROBERTO  
FORTES

Diretor - LAERTES FERRÃO

Ano XV

SÃO PAULO - ABRIL DE 1947

Núm. 49

# Dr. Domingos Goulart de Faria

1922

Por motivo da passagem do 25.º aniversário de seu exercício efetivo no cargo de secretário da nossa Faculdade, o dr. Domingos Goulart de Faria, no dia 1.º de abril passado, foi alvo de grande e expressiva homenagem.

A festa que se organizou em louvor do aniversariante, foi na verdade brilhante, pois, reuniu várias centenas de seus amigos sinceros que lhe foram levar espontaneamente, as mais calorosas demonstrações de apreço e simpatia.

Pela manhã, às 10 horas, na Faculdade, teve lugar a cerimônia da inauguração de uma placa de bronze, colocada na sala de trabalho do homenageado, cujos dizeres abaixo transcrevemos:

1922

1947

Ao dr. Domingos Goulart de Faria, homenagem dos seus amigos e admiradores.

Estiveram presentes Professores e assistentes da Faculdade, funcionários, estudantes e amigos do dr. Faria.

Falaram nessa ocasião o prof. Flaminio Fávero, Presidente da Comissão Organizadora da festa que fez uma brilhante oração, enaltecendo a figura do homenageado e o sr. Salvo Lessa, funcionário da Faculdade que muito bem interpretou o sentimento de seus colegas. A seguir, o dr. Faria agradeceu a



1947

manifestação de que era alvo com palavras que bem expressaram a sua alegria.

A' noite, às 22 horas, nos salões do Automovel Clube, realizou-se um grande jantar ao qual compareceram cerca de quatrocentas pessoas. Dentre os presentes notavam-se o homenageado e sua exma. senhora, Professores da Faculdade, a representação do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz" chefiada pelo Presidente Jorge Barifaldi Hirs, inúmeros médicos e pessoas amigas do dr. Faria.

A' sobremesa usaram da palavra o prof. Almeida Junior que, em sua oração, relembrou passagens interessantes da vida do homenageado, destacando a dedicação com que sempre se houve o dr. Faria no cumprimento de suas funções; o dr. Francisco Hartung, em nome dos colegas de turma do homenageado e o acadêmico Alvaro da Cunha Bastos, orador oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" que, em expressivo discurso, manifestou o sentimento de admiração e amizade que os estudantes dedicam ao grande secretário da Faculdade. Logo a seguir o dr. Domingos Goulart de Faria exprimiu a sua gratidão pela homenagem que lhe era prestaça, dizendo dos laços que o prendem á Faculdade de Medicina.

# Professor Pedro de Alcantara Marcondes Machado

Foi motivo de grande regozijo para todos os que labutam em nossa Faculdade a recente habilitação do Prof. Pedro de Alcantara Marcondes Machado á cátedra de Clínica Pediátrica.

E' mais um valor positivo da ciência nacional que se junta aos que porfiam decidida, e mesmo apaixonadamente, pela maior glória desta Casa de Arnaldo Vieira de Carvalho.

Ganhou a Faculdade de Medicina, na pessoa do Prof. Pedro de Alcantara, mais um lutador de fibra, verdadeira expressão da nossa mais alta cultura médica que se alia á sua indiscutível e grande capacidade didática.

A vida do nosso nobre professor tem sido, na verdade, brilhante pois várias são as suas conquistas no terreno científico, conquistas que são motivos de justo orgulho para todos nós, honrando a medicina brasileira.

Formado pela Faculdade de Medicina de São Paulo, teve a sua tese de doutoramento aprovada com grande distin-

ção em 31 de março de 1925. Este trabalho que é "Um ensaio de moral sexual", foi laureado pela Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, com o prêmio "Sérgio Meira".

Tem o professor Pedro de Alcantara vários livros publicados, entre os quais: "Causas e remédios sociais da mortalidade infantil como problema espiritual, econômico, sanitário e médico; "Higiene da primeira infância" e "Perturbações nutritivas do latente".

Além disso já publicou cerca de uma vintena de outros trabalhos de grande valor para a especialidade.

E' ainda de se considerar a sua apreciável cultura geral já tão bem demonstrada em tantas oportunidades. Há dias atrás, quando da posse da Diretoria do Dep. Científico do Centro, tivemos a felicidade de ouvi-lo numa magnífica conferência sobre a mortalidade infantil, que foi uma esplêndida demonstração da sua vasta cultura. Publicou ainda o Prof. Pedro de Alcantara um trabalho

de "Considerações sobre a cultura geral. Conceito. Recursos para sua formação; que concorreu ao prêmio "José de Almeida Camargo" da Associação Paulista de Medicina e fez uma conferência na mesma Associação intitulada "A crítica da pintura moderna"

E' professor catedrático de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil da Escola Paulista de Medicina e membro do Conselho Técnico Administrativo dessa Escola; é professor catedrático de Higiene Infantil da Faculdade de Higiene da Universidade de São Paulo; é livre docente de Clínica Pediátrica médica e Higiene Infantil da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil; livre docente de Clínica Pediátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. E' ainda membro Honorário da Sociedade Argentina de Sexologia, Biotipologia e Eugenesia e sócio de várias entidades médicas brasileiras.

O concurso recentemente realizado

pelo Prof. Pedro de Alcantara para a conquista da cátedra de Clínica Pediátrica da nossa Faculdade, revestiu-se de raro brilhantismo. Foi mais uma oportunidade para que o ilustre professor demonstrasse a sua invejável cultura. O prof. Alcantara defendeu então a tese: "Contribuição para o estudo da proteção da criança contra os agravos psíquicos"

O Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", pelas páginas do "Bisturi", dirige ao Prof. Pedro de Alcantara Marcondes Machado os mais calorosos cumprimentos, formulando sinceros votos de que a sua brilhante trajetória nos meios educacionais brasileiros continue por muito. A presença de seu nome no quadro de Professores da Faculdade, é uma garantia para a elevação cada vez mais crescente do padrão do ensino médico, único caminho a seguir para que se torne cada vez maior o prestígio da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.



# «Campanha do microscópio» O desporto universitário

O Departamento Científico do CAOC no intuito de facilitar aos académicos a aquisição de microscópio para estudo já iniciou várias demarches nesse sentido. Transcrevemos abaixo a carta enviada à “Fundação Rockefeller”; primeiro passo dado nesse sentido.

Prezado Dr. Kumm:  
Saudações.

Estamos realmente orgulhosos por, na qualidade de membros da “Campanha para a aquisição de microscópios”, termos oportunidade de dirigirmo-nos a V. S.

Duas forças levam-nos a endereçar-lhe esta missiva: a necessidade premente em que se encontram os alunos desta Faculdade de verem solvido o problema dos microscópios e a certeza de ser grande a boa vontade de que são dotados os membros da benemérita “Fundação Rockefeller”.

O ensino em nossa Faculdade de Medicina de São Paulo encerra em seu currículo, entre outras as cadeiras de Microbiologia, Histologia, Embriologia, Anatomia Patológica, Parasitologia e Higiene, no decurso das quais é indispensável a utilização de microscópios. Os respectivos Departamentos, onde são ministrados esses cursos, são possuidores de certo número de microscópios que nos são apresentados durante as horas de aulas práticas e durante algumas horas do dia para estudo.

Entretanto, apesar da boa vontade dos srs. Professores e da organização racional desses Departamentos, não é satisfatório o tempo em que esses microscópios podem ficar a disposição dos alunos.

Assim a falta de microscópios é causa de falhas no ensino de algumas cadeiras, bem como causa de transtornos nos horários de estudo dos alunos do Curso Básico.

Os problemas básicos do Brasil são a instrução, o transporte, e a melhoria das condições higiênicas em que vivem as nossas populações rurais. Os estudantes de Medicina da Universidade de São Paulo não poderiam ficar apáticos diante de tão vasta tarefa a realizar. Assim foi que iniciamos as nossas “Campanhas de Higiene Rural”. Nessas Campanhas mais de uma vez, fez-se notar a premente necessidade de microscópios, necessidade essa que nos salta aos olhos quando consideramos que a maioria de nossas endemias são parasitoses.

Considerando esses fatos e outros de menor monta é que o Departamento Científico do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” resolveu iniciar uma campanha para a aquisição de um determinado número de microscópios.

Iniciada a Campanha foi apoiada pelo Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo, bem como pelos srs. Professores cujas cadeiras estão diretamente

relacionadas com a utilização de microscópios.

Uma vez constituída a Comissão Organizadora foram estabelecidas as seguintes bases para a Campanha:

I — Os srs. Catedráticos nos forneceriam coleções de preparações para estudos microscópicos.

II — O Centro Acadêmico procuraria adquirir cinquenta microscópios.

III — Nos iniciariamos uma campanha para conseguirmos fundos (campanha essa que já foi iniciada).

Logo ao iniciarmos os nossos trabalhos deparamos com o primeiro obstáculo: o intermediário para a aquisição dos microscópios. Foi quando surgiu a idéia de lançarmos mão da obsequiosidade da “Fundação Rockefeller” representada pela pessoa de V. S.

Uma vez exposta a situação, vimos em nome do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”, indagar de V. S. das possibilidades deste Centro obter o seguinte obsequio da “Fundação Rockefeller”: a aquisição nos Estados Unidos, diretamente na fábrica, de um determinado número de microscópios e seu embarque para o Brasil.

Confiados no espírito de compreensão e na grande benevolência de V. S., e ao mesmo tempo impulsionados pela visão direta da dificuldade de atingirmos o nosso objetivo, vimos ainda indagar, de V. S. da maneira como seria encarado por essa Fundação, um pedido de auxílio financeiro para a nossa Campanha.

Esperançosos, pois confiamos na boa vontade de V. S., e ao mesmo tempo gratos pela atenção, que nos está sendo dispensada.

Assinamos, pelo Departamento Científico — MANUEL MUNHOZ — AUGUSTO JOSE ESQUIBEL.

O desporto universitário brasileiro é sede, como é do conhecimento geral, de competições desmedidamente vultuosas. São célebres as disputas interescolares encetadas pelos académicos de nossas escolas superiores, disputas essas encabeçadas pela tradicional Mac-Med, sem favor algum o maior pleito atlético estudantino da América do Sul. Uma competição que movimenta infalivelmente centenas de afeições em cada uma de suas provas merece, sem dúvida, esse título.

Além desse grupo predominante de disputas, são efetuados torneios pelas entidades esportivas universitárias, torneios esses, de um modo geral, que so interessam aos atletas disputantes e, por isso, não chegam a ter grande vulto. As Federações organizadoras certamente são responsáveis por isso; entretanto, não devemos esquecer que grande culpa cabe às autoridades governamentais pelo apóio, apóio financeiro principalmente, que não se dignam fornecer.

Mais não realizam os académicos porque estão constantemente preocupados com seus afazeres escolares.

Poucas são então as amostras de seu valor que o desporto estudantino fornece; poucas mas suficientes para que os dirigentes do desporto nacional percebam que devem aí buscar os elementos com que possam contar a qualquer hora, para evidenciar o que é de fato o desporto em nossa terra. Em outras palavras, o desportista universitário deve ser preferido e estimulado.

Fazemos essa afirmativa depois de termos verificado que somente um jovem afeito a sacrifícios e suficientemente culto — o universitário enfim — pode compreender perfeitamente os

postulados de desporto. Existem exceções, é evidente; indivíduos menos cultos chegaram ao estrelado no desporto e na oportunidade devida mostraram conhecer perfeitamente as finalidades das lidas atléticas; por outro lado, vários são os exemplos de competidores que, apesar de valorosos tecnicamente, na hora devida mostram não estarem suficientemente educados no que se refere ao conhecimento do que representa o desporto.

As modalidades esportivas que contam, com maior constância, com o concurso de académicos, tais sejam o atletismo, o cestebol e o voleibol, têm honrado sobremaneira o nome esportivo de nossa pátria; nunca, em caso de derrota, pode-se recorrer à falta de espírito de luta, à falta de disciplina e à falta de fatores decisivos na conquista de uma vitória, para explicar o insucesso.

Por outro lado, se considerarmos o caso do futebol, o desporto das multidões em nosso país, depararemos com os exemplos mais revoltantes de falta de educação esportiva. Os nossos jogadores são tecnicamente bons, o nosso padrão de jogo é constantemente admirado pelos nossos adversários de todos os torneios e, no entretanto, somente esporadicamente conquistamos títulos honrosos. Ainda recentemente um dos grandes de projeção do futebol paulista, exibindo-se em nação vizinha, foi fragorosa e vergonhosamente derrotado porque os jogadores que compunham o seu “onze” afrouxaram propositalmente, como represália à deliberação dos chefes da delegação, que aumentaram de um dia o período de concentração; depois da derrota escandalosa deram os “players” a entender que os diretores deveriam ter reconhecido que eles tinham saído do Brasil como turistas e, por isso, não eram obrigados a observar concentrações.

Outro exemplo foi a disputa da Copa do Mundo, na França, em 1938. O título máximo do futebol universal somente não veio para o Brasil porque foram inúmeras as brigas entre os nossos patriotas da embaixada, brigas essas que culminaram com a desavença vergonhosa entre o treinador e os jogadores.

Seria então de grande interesse que os mentores do desporto pátrio olhassem com melhores olhos os atletas universitários e, principalmente nas modalidades onde não é praxe incluí-los.

Os universitários que pelejam em equipes profissionais de futebol, por exemplo, são poucos; todos eles porém grandes jogadores. Maior fosse a quantidade desses elementos, os não universitários seriam como que contaminados pela educação esportiva daqueles moços e o insucesso das nossas representações seriam menores.

V. A. N.

## «Chá das Calouras»

Realizou-se na tarde de 8 de abril último, nos salões da Casa Anglo-Brasileira, o tradicional “Chá das calouras” que anualmente o Departamento Feminino do C.A.O.C. promove para receber as novas estudantes da Faculdade.

A festa deste ano decorreu num ambiente de grande animação, estando presentes todas as “calouras”, muitas “veteranas”, a Diretora do Departamento Feminino Maria Aparecida de Barros Ferraz e os representantes da Diretoria do Centro, colegas Álvaro da Cunha Bastos e André R. Cruz.

Foi uma reunião em que se fizeram notar a cordialidade que reina entre as moças de nossa Escola e a amizade que

as une, fatores imprescindíveis da existência da perfeita organização do Departamento Feminino.

Fôu da palavra o orador oficial do Centro, colega Álvaro da Cunha Bastos que, de improviso, saudou as novas alunas da Faculdade, exortando-as a desenvolverem um trabalho ardoroso pela grandeza da nossa gloriosa agremiação.

Respondendo ao orador, disse algumas palavras de agradecimento a “caloura” Helena Alba de Castro e Silva que exprimiu a satisfação de suas colegas.

Logo após encerrou-se a festa que foi uma nota marcante na vida social do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”

## Os novos internos do H. C.

Em reunião secreta da Prefeitura do 6.º andar com sede na Bastilha, presidida por Plínio, o Ex-Gordo, estando presentes os vereadores Curti, Bittencourt e Caricchio foram aprovadas as seguintes determinações para a “Recepção dos Internos de 47” à vida íntima do H. C.

- 1 — Contribuir com mil cruzeiros (duas partes do 1.º ordenado!!) para o fundo de reserva geral.
- 2 — Manter limpos os sapatos brancos dos internos antigos.
- 3 — Não prometer casamento a nenhuma menina, para não quebrar com a tradição.
- 4 — Tratar de “senhor” os internos antigos de cuja orientação nunca poderão duvidar. (E’ o “magister dix”).
- 5 — Tomar banho, pelo menos duas vezes por semana sem atrapalhar, entretanto, os antigos (que tomam banho “diariamente”, é claro).
- 6 — Dispensar carinhos ao “Poeta Triste” (vulgo Laertes Ferrão) que é “pequeno” da turma.

- 7 — Reconhecer no dr. Fadul “um italiano respeitável”
  - 8 — Não podem usar as escovas de dentes dos internos antigos.
  - 9 — Manter relações longínquas com a trinta Pelosini-Lourdes-Clarice.
  - 10 — Não duvidar dos diagnósticos feitos pelo “seu João” o Porteiro.
  - 11 — Ser “amigo” do Superintendente, como ele o é de todos os internos??
- NOTA— E ainda duas ordens especiais.
- (Ao Tranchesi) — E’ proibido jogar futebol nas dependências do Hospital.
- (Ao Aparácio) — Fica proibido de intitular-se “bom radiologista” antes que a Iracema Ferrarini o confirme.
- E, como BANDEIRA, os novos terão na memória, mesmo na hora do “bife da meia noite” o seguinte:
- “Trabalhar sempre, trabalhar.. E, se por acaso se cansar. Els o remédio: CONTINUE A TRABALHAR”

K. K.



o autor e a sua "obra"...

Do Album "Como Perder Colegas"





# Ensino médico

ONDE E COMO SE REPETE A FABULA  
DOS CINCO CEGOS E O ELEFANTE

Diz uma fábula indiana que, certa vez, cinco cegos decidiram-se a compreendero que era afinal um elefante. Pediram, pois, a um menino que os conduzisse ao templo principal da cidade. E foram pelo caminho, mão de um na mão doutro, trocando conceitos a-priorísticos, a título de pilhéria naturalmente, mas eram pilhérias de rara felicidade. Isso tudo ainda mais aumentava o congoamento geral já estimulado pela perspectiva de uma jornada interessante, pois, como toda gente sabe, não há pasmaçeira maior que a vida de cego e na cidade de Benarés...

Chegados que foram ao templo, dispuzeram-se em torno do animal sagrado, e, com técnica que inspiraria mais dez volumes ao Cossio, começaram a apalpar o objeto da sua curiosidade. Por uns momentos foi tudo silêncio. O paciente paquiderme ainda mais sonolento com esse imprevisito, delicioso cafuné ao grande sol do meio-dia.

— E' evidente — declarou por fim um primeiro cego palpando a cauda do animal — é evidente que o elefante é fino e longo como uma vibora.

— Protesto — replicou o que abarcara uma das pernas — ele é grosso como um tronco de cedro.

— Asneiras — treplicou o que examinava a tromba. Este animal é bosse'ado e oco como uma flauta.

— Liso e massiço como um alface — contestou vivamente o que alizava uma das presas. — Portanto, asno és tu, meu caro!

Porém o quinto cego que, sendo muito alto, alcançara a orelha do animal, atalhou com irritação: — Muito ao contrário de tudo isso! O elefante, meus idiotas, é nem mais nem menos que um grande leque. Quem disse outra coisa mente!

Ora, como a animosidade de uma controvérsia está na razão direta do número de opiniões, o bate-boca foi se encrespando, as ofensas pessoais num "crescenco apaixonado" lançaram o pe-

queno círculo, do exercício divino do intelecto, à resultante fatal das imperfeições humanas — à nobre, inefável e desagradadora pancadaria. Os cinco cegos, aos tapas e vitupérios, rolaram a valer no chão. E tão lindo pó levantaram graciosa gritaria fizeram que, mais cedo do que queriam, foram expulsos do pátio com o lombo moído a bastonadas.

Quando, nesta Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, decide-se, por especial favor dos deuses, decifrar o busillis da reforma dos programas, procurando-se estabelecer uma fórmula capaz de produzir, após seis anos de confusão administrativa e científica, um clínico geral (o que até agora ainda não se conseguiu, diga-se de passagem), a fábula se repete.

Reunem-se o anatomista, o fisiologista, o anatomo-patologista, o ginecologista... ista. Assunto da sessão, em última análise — O que é um clínico geral.

Café para todos, palmadinhas nas regiões escapulares, sorrisos e cigarros.

Está aberta a sessão, vai começar a inana!

— Um clínico geral, grita logo de início o anatomista, — é o individuo que conhece as particularidades da carúncula lacrimal.

— Melhor seria dizer que é o individuo que escreve decór as fórmulas das vitaminas conhecidas, pontifica o químico, com ares de quem não quer encrencas.

— Engano, vocifera o cirurgião — só pode ser chamado de clínico geral quem assiste do 10.º andar as anastomomas porto-cavas que eu realizo no 9.º!

— Não, proesta a obstetra, — antes de tudo ele deve saber o que pensavam Serapião, Razés, Avicena e Ali-Ben-Abbas. Também não deve confundir J.

Guilherme Stein, o velho, com J. Guilherme Stein, o moço. Por outro lado...

— Por outro lado, atalha o fisiopatologista — deixemo-nos de partidatismo. Eu provarei, à saciedade, que clínico geral é pura e simplesmente o menino que decorou o meu livro. Isto é que é!

Porém o homem sensato já não está presente. Poz o chapéu naquela porção do corpo que a natureza não destinou exclusivamente a isso, e saiu.

Aquí fora tudo é silêncio e deserto. Na doçura da noite, pode-se pensar.

Assim como aqueles cavalheiros, que lá dentro brigam e esbracejam, sabem que a sua ciência, como qualquer outra, é formada por uma congérie de fatos, mas que uma congérie de fatos não forma, por si só, uma ciência. Assim também um clínico geral é anatomista + fisiologista + anatomo-patologista + ginecologista + ... + ista, mas o total desses termos jamais será um clínico geral, razão da existência desta Escola com tudo que dentro dela se contém.

Se a Escola não está realizando o seu objetivo, e os alunos, termômetro da situação, declamaram-na insuficiente e mesmo, algumas vezes, pernicioso, o mal não será reparado com mais profundos cursos, precisa é de um curso melhor.

Quando se organizar uma nova sessão para discutir a revisão do curso, parodie-se Platão, escreva-se na porta da sala: "Aqui só entra quem souber Clínica" Quem se apresentar com o dourado tapa-olho da especialidade seja barrado: Não pode ir falar o elefante!

Assim é que nos colocaremos no justo ponto de vista. Prontos para um trabalho, útil e urgente. Prontos para dar ao curso síntese e harmonia. Prontos para redimir essas gerações de moços

que entram na Faculdade cheios de esperança e admiração, e, após seis anos de trabalhos estrenuos, saem de frente baixa, completamente desiludidos! Reformar os programas é um dever com a mocidade!

Aquí fora tudo é silêncio e deserto. Na gaze da neblina está Arnaldo. A fronte gennial e tranquila, heróicos e mudos os lábios. O olhar, o olhar, entretanto, é expressivamente triste. São pupilas acomodadas ao infinito. E o homem sensato sabe o que elas contemplam. São campos e matas, rios e florestas, arraiais e vilas, terra sem fim entregue a sanha dos miasmas. E o lavrador impaludado que treme sobre o catre E' o lavrador opilado que vegeta na miséria. E' a raça, a própria raça, que nasce na choupana e morre no casebre. E o homem sensato sabe também que um olhar assim tão triste é o dos que sonharam grandes sonhos que naufragaram depois no oceano amargo do egoísmo e da má vontade dos homens...

Reformar os programas é também um dever com o Brasil!

Esta história devia parar aquí. Porém o homem sensato, tão mal se sentiu naquela sala que saiu e esqueceu-se do guarda-chuva.

Quando voltou o salseiro estava formado. Todos os "istas" gritavam a um só tempo. Quem estivera sentado, estava de pé; quem estivera de pé, estava sobre a mesa; mais ascensões não permitira a lei da gravidade. E, como diz o Velho Testamento: "... a confusão foi geral". Mas isso não é o peor. Peor são os ressentimentos, os mal-entendidos, os ódios, os recalques. Os — "o senhor, está se referindo à minha cadeira?! (cátedra)" Isso é peor.

E, antes de sair definitivamente, o homem sensato lamenta a ausência aquí de um derviche capaz de manejar com energia e rapidez o irretorquível argumento das bastonadas...

PAULO HOMEM DE-MELLO

# Estatutos democráticos

Na sociedade humana, em cada época, existem uma estrutura jurídica e outra política, determinadas ambas pelo grau de desenvolvimento das forças materiais de produção. Porém o progresso científico leva as forças produtivas a um aperfeiçoamento gradativo. Com a evolução continuada chegam essas forças a um tal grau de diferenciação que entram em conflito com as estruturas jurídica e política, pois elas não sofreram correção paralela. Transformam-se assim essas estruturas em obstáculos, tolhendo o progresso das forças produtivas. Torna-se então indispensável a modificação das estruturas citadas.

Fato mais ou menos semelhante sucede com o nosso Centro. Os estatutos pelos quais ele se rege atualmente datam de 1935. Dêsse ano para cá o Centro sofreu grande desenvolvimento, sua estrutura alterou-se e suas atividades passaram a cobrir novos setores. Os estatutos, então, caducaram e transformaram-se em obstáculo. As atividades atuais, obrigadas a seguir por velhos e obsoletos trilhos, se vêm na impossibilidade de atingir seus objetivos.

As últimas diretorias do C.A.O.C. foram até obrigadas a abandonar em maior ou menor grau os estatutos, desobedecendo ou contornando seus dispositivos. Contribuí decisivamente para torná-lo letra morta o fato de o número de exemplares existentes dessa obra ser contado pelos dedos de uma só mão e de ser menor ainda o número de colegas que a conhecem a fundo.

Ora, dessa situação se vinham apercebendo numerosos colegas que, em diversas ocasiões, inclusive em Assembléia Geral, manifestaram sua opinião sobre a necessidade de se proceder a uma profunda reforma de nossos estatutos.

Coube à operosa diretoria de 1974 tomar as providências para concretizar essa necessidade.

Foi colocado no quadro um aviso convidando todos os colegas interessados a participarem dos trabalhos de elaboração de um projeto de estatutos. Os colegas que acederam ao convite passaram a constituir a Comissão de Reforma, sob a presidência de Roberto Brólio.

Logo à primeira reunião foi o estatuto dividido em duas porções: a parte geral e a especial. A geral é constituída pelos dispositivos que regem o Centro em conjunto e tem suas sub-divisões calcadas em linhas gerais sobre os antigos estatutos. A parte especial, inteliramente nova, consiste na reunião dos regimentos internos das várias secções constituintes do Centro, como o Departamento Científico, a Liga de Combate a Sífilis, o Departamento de Esportes, etc.

Vejamos agora qual o método de trabalho adotado. Para cada capítulo da parte geral nomeou a Comissão uma sub-comissão constituída por três de seus elementos e encarregada da feitura de um ante-projeto do capítulo. Es-

se ante-projeto é apresentado à Comissão, que o discute e emenda de acórdio com a opinião da maioria. Após ser submetido a esse tratamento é o capítulo incorporado ao projeto.

Quanto à parte especial, verificou-se desde logo a Comissão que não estava apta para fazê-la, pois lhe faltavam conhecimentos detalhados sobre a estrutura interna dos vários Departamentos. Ninguém, portanto, melhor para elaborar seus regimentos internos que os colegas que nêles labutam e, dêsse modo, estão a par de seus problemas e necessidades. Seguindo esse critério a Comissão encarregou de preparar o ante-projeto do regimento interno do Dep. de Esportes uma sub-comissão constituída de esportistas; o regimento do Dep. Científico ficou a cargo da sua própria diretoria, e assim por diante. Mas a cada dessas sub-comissões resolveu-se agregar um membro da Comissão, com o intuito de evitar que os diversos regimentos caíssem em contradição com a parte geral dos estatutos.

Como veem os colegas, o processo escolhido é o mais democrático e sensato possível.

A Comissão vem trabalhando desde meados de janeiro e, após grande número de longas e estafantes reuniões, está se aproximando do final de sua tarefa.

Uma vez terminado o projeto, teremos chegado à última fase da elaboração: deverá ele ser democraticamente

submetido, artigo por artigo, à opinião de todos os colegas, reunidos em Assembléia Geral. E para que os colegas, reunidos em Assembléia Geral. E para que os colegas possam discutir o projeto com conhecimento de causa, tão logo fique pronto, mandará a Comissão mimeografá-lo e cederá um exemplar a cada aluno da Faculdade.

Caberá então, a todos, sem exceção, o dever de estudar com cuidado o projeto, a fim de poder na Assembléia apresentar emendas no sentido de sanar as falhas que ele apresente.

Da discussão em Assembléia resultará ainda outra vantagem evidente, qual seja a de todos os alunos conhecerem detalhadamente os estatutos. Poderão assim exigir que sejam respeitados e rigorosamente cumpridos seus dispositivos, quer pela diretoria do Centro, quer pelos colegas.

A promulgação dos novos estatutos, pelas modificações progressistas introduzidas, virá possibilitar ao C.A.O.C. grande surto de progresso, que lhe dê projeção e força e o coloque a altura das tradições da Faculdade de Medicina de São Paulo. Permitirá ainda que C.A.O.C. seja dirigido segundo normas democráticas. Teremos dessa maneira ultrapassado a fase "semi-ditatorial" em que o Centro havia caído nos últimos anos e que o havia conduzido a um grau acentuado de marasmo.

Mobilizemo-nos, pois, colegas, a fim de dar ao nosso Centro estatutos 100% democráticos.

ISRAEL NUSSENZVEIG.



# As aventuras e desventuras de Malaquias Perna de Pau

DE COMO A MÃE DE MALAQUIAS QUEBROU O BRAÇO — COMO MALAQUIAS FOI PARA A POLÍCIA

## CAPÍTULO I

Malaquias Perna de Pau era filho de imigrantes. Desses que fugiram da heróica Pátria, da pátria do grande Fulano, do maior Beltrano, de não sei quantas Academias e, não sei também, quantos milhões de soldados, para viver no humilde campo dum país de nenhuma escola, nenhuma Academia e dum exército que ainda usa armas de mil e novecentos.

E lá nos sertões da Noroeste nasceu Malaquias. Lá, naqueles sertões do Estado mais rico, morreu o pai de Malaquias, miseravelmente, com o corpo comido por úlceras.

Mas, a mãe de Malaquias, como todas as mães, era forte. Confiava no seu Deus e nos seus braços que o cabo da enxada e o sol abraçador tornaram atléticos. E, confiante na sua fortaleza, buscou a Capital. O maior centro de misérias da América Latina, como aparecia escrito naqueles boncos meio desmantelados, onde era difícil ver a cara do motoneiro, tal a quantidade de pessoas que viajavam penduradas.

Malaquias Perna de Pau, naquele quartinho que era — sala de visitas — ue era sala de jantar — quarto de dormir — cozinha e, às vezes, banheiro, passou por todas as fases da vida de um moleque de cortiço.

Veza ou outra, quando a velha mãe chegava menos cansada das doze horas de tear, ouvia histórias da velha Europa, seus costumes, suas máceiras lindas, a neve romântica, os sonhos daqueles povos, daquelas terras onde morreram seus avós. Malaquias entusiasmava-se com aquelas narrativas e sonhava. Primeiro sonhou com o anel de doutor, mais tarde esperava receber um diploma de contador e, quando moço, já se contentaria com qualquer bico numa Secretaria ou no Correio. Coitado, não tinha padrinho. Um dia, quando marcou o goal mais sensacional da tarde, a maior emoção da sua vida, num clube de varzea, sentiu-se “craque” e sonhou defender as cores do São Paulo F. C.

Os dias passavam e, com eles, os sonhos de Malaquias. Acabou caixeiro dum armazem na rua Santa Rosa. Levantava saco, abaixava caixão, suave, calejava as mãos. A vida tornava-se difícil e o ordenado nunca subia. Malaquias arranhou um quartinho lá no alto da Casa Verde e para lá levou a velha e coente mãe. Adorava-a.

Apenas fizera o Grupo Escolar. Quantas vezes faltara por não ter uma calça remendada, ele já tinha esquecido. Desistira da Escola de Comércio no dia em que lhe pediram sessenta mil réis por mês e trezentos mil réis de taxa. Santo Deus, onde arranjará ele esse dinheiro?

Mais um semi-analfabeto nascia. Trabalhando de sol a sol. Voltando pra casa dependurado, como artista de circo, num pedaço de balaustre, Malaquias ia vendo a vida passar sem esperança de melhora. A pobre mãe já não andava direito. Arrastava penosamente aquele corpo gordo apesar da miséria. As pernas começavam a recusar obedecer-lhe.

Numa manhã garoenta, irritantemente fria, Malaquias se preparava para mais um dia de trabalho. A velha mãe, repetindo o sacrifício de todos os dias, fôra até o tanque comum, onde havia uma torneira que despejava miseravelmente um raquítico filete de água. Fôra lavar o coador. Malaquias ainda sonolento, arrumava o lanche magro e ia servir de almoço, quando ouviu um grito. Esticou a cabeça naquele buraco que chamavam de janela e viu a pobre mãe caída naquele terreno barrento. Correu para junto dela. Os vizinhos

LEPAGE

rodearam-na e, irmãos na miséria e na dôr, ajudaram o rapaz levar aquele corpo pesado até o quartinho, onde a deitaram num estrado duro que servia de cama. Malaquias estava tonto. Não via nada. Beijava a pobre mãe. Enchugava-lhe as lágrimas. Levantava. Tornava a voltar, até que saiu correndo. Ofegante, chegou à Farmácia do bairro.

Contou o caso ao farmacêutico.  
— Seu Dotô, vá vê minha mãe.  
— Desculpe, seu Malaquias, eu não posso sair, daqui a pouco tenho uma penicilina prá fazer. Depois eu não posso tocar em nada, sinão dá galho com a polícia. Eu não quero encrencas.  
— Mas o que é que eu faço? perguntou desoladamente o rapaz.

## P A Z

*Na terra havia homens maus e, por causa deles, milhares de lares foram destruídos, milhares de olhos dissolveram-se em lágrimas e florestas imensas transformaram-se em cruzes.*

*Na terra havia homens maus e, por causa deles, toda uma geração de moços valentes, sonhadores, regaram com seu sangue, adubaram com pedaços do próprio corpo, o solo milenar da pobre Europa.*

*Na terra havia homens maus e, por causa deles, uma multidão de aleijados, cegos, neuróticos, morrem, lentamente tendo como único consolo as folres, os clarins, as festas que os receberam sa volta do campo da metralha naquele já tão longínquo dia do armistício.*

*Um dia vocês, homens maus, desapareceram e a paz surgiu em todos os jornais. Todos os rádios de toda a terra gritaram festivamente a chegada da paz. E toda uma guerra, toda destruição de vilas, cidades, casas, famílias, corações, foram esquecidas para receber-te Paz!*

*Os sinos repicaram festivamente. Deus lembrara-se dos homens. Os homens brancos festejaram a Paz.*

*Mas esses orientais esses malaicos, esses povos que ainda cheiram a pólvora, esses povos que deixaram inexplicavelmente de viver, que desapareceram, não são também formados de seres humanos? Não há entre eles alguém que*

*tenha alma? Alguém que tenha um coração pulsando vida? Não há entre eles mães, espôsas, noivas? Não haverá um rosto honrado que ame loucamente o pedaço de terra que lhe dá de comer? Para eles não haverá paz e liberdade? Homens maus, vocês apenas descansavam e descanso foi breve.*

*Eu tenho saudades daqueles bombardeios, daquelas casas destruídas, da suor e sangue dos campos de batalha. Cada lar destruído, cada coração despedaçado, cada soldado abandonado numa poça e água e sangue num campo deserto e esburacado, era uma prece à Paz, era um pedaço de caminho percorrido, era um pouco de esperança realizada.*

*Lutava-se por um ideal — Paz e Liberdade. E hoje que os hoens dizem que conquistaram a Paz, que conquistaram o direito de ser livres, porque existem povos que teem a voz abafada, porque existe censura, porque as prisões e os campos de concentração estão cheios, porque tanta miséria, porque tanta dôr, tanto sofrimento?*

*Então ainda não existe Paz, não te conquistamos ainda Liberdade? Deus, temde piedade dos homens! Homens, lembrai-vos de Deus!*

WALTER BELDA

## Nosso restaurante

Sobre o título acima e sob o pseudônimo José Caneta Junior, publicamos por estas colunas uma carta aberta ao dd. J. C. Ferraz Salles, na qual tentavamos invalidar algumas afirmações daquele ex-colega. Lamentamos ter hoje que voltar á carga, pois que o assim dito “Bar da Escola” continúa no mesmo, apesar de reformas constantes que ali se fazem: mudam a caixa registradora de uma sala para outra, compram geladeira, batedeiras, etc., etc., sem proveito algum. Os preços continuam absurdos, fazendo com que comparemos o “noso bar” ao bar de nossas colegas enfermeiras lá no H. C.: uma comedeira de dinheiro escandalosa na cara do Eneas; seria interessante si nos fosse informado em ambos os casos, do barsinho-comedeira do H. C., e do “nosso bar” sobre os seguintes pontos:

- 1.0 — as funcionárias são pagas com a renda do bar ou pelo governo?
- 2.0 — o bar compra determinados produtos tais como café em pó, leite, pão, e demais gêneros alimentícios, ou são estas merceadorias fornecidas pelo almoxarifado do H. C.?
- 3.0 — qual a vantagem no caso do “nosso bar” de ser o mesmo orientado por uma comissão de professores quando o mesmo poderia ser entregue á direção do C.A.O.C.?
- 4.0 — por que se permite que os

funcionários dos Institutos de Higiene e Adolfo Lutz almoçem no Bar em deprimimento dos estudantes quando o H. C. se nega preteritoriamente a ceder mais alguns talões de refeições no Hospital que ostenta orgulhosamente como sub-título: da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo?

Gostariamos imenso de ter alguma notícia sobre os quesitos acima, o que naturalmente viria aclarar muitas dúvidas e conceitos errados que por ventura façamos sobre ambos os bares. Pensamos que si houvesse uma melhor orientação os estudantes que permanecem na fila do Restaurante do H. C., poderiam almoçar no bar, si, a) a refeição não fosse tão racionada, b) não houvesse aquela confusão na hora do almoço, com filas, bandejas espalhadas por sobre a mesa, etc.. c) não fosse necessário reservar cedo o almoço.

Houve quem dissesse que a única coisa que serve no bar da escola, á hora do almoço, é o almoço-musicado, que inteligentemente orientado pelo Renato, em absoluto não enche barriga. Concordamos com esta afirmação, porém seria interessante que se escalegasse alguém que entenda de música para redigir comentários sobre as diversas peças irradiadas.

O. GÓES DE MORAES

— Telefone tai. Chame a Assistência. Desageitadamente Malaquias Perna de Pau discou. Uma vez irritante respondeu pedindo pressa.

— Aonde é? Fale mais alto, pensa que tenho amplificador no ouvido... Sim, já vai.

Eram seis horas da manhã. Malaquias voltou esperançado. Em breve o carro da Assistência ali estaria para levar sua querida mãe até o Hospital. Lá estava a velha gemendo e o braço a inchar.

O cortiço parecia estar em festa. Todo mundo entrava e saía no quarto de Malaquias que começa a inquietar-se. Sete e meia... nove horas. Meus Deus, por onde andaré essa ambulância? Voltou á farmácia, telefonou e a mesma voz respondeu:

— Ora seu moço, nós temos o que fazer, a ambulância já foi.

No mínimo tinha errado o caminho. Já era tempo de estar chegando. Malaquias não sabia o que fazer. Estava meio tonto. Não tomara café e sentia-se fraco. Dez horas... Onze horas... Meio dia. Começava a chegar gente do trabalho. Repentinamente um carro branco surgiu na rua, fazendo com que janelas e portas se abrissem curiosas com o barulho que fazia.

Malaquias suspirou aliviado, a salvação chegara. O carro branco com uma cruz vermelha, guiado por um guarda-civil, parou em frente ao portão. Logo uma multidão de moleques o rodeou. Um enfermeiro grandalhão, imponente dentro daquele avental que lhe tocava os pés, desceu autoritariamente.

— Onde está o paciente?

— E' ali, “seu dotô”, tenha a bondade.

E o pobre Malaquias guiou o homem de avental branco até o quarto. As pessoas se afastavam timidamente para deixá-los passar.

— Pronto “seu dotô”

— Um... que aconteceu? quando foi isto? Porque não chamaram logo? Doe? Um... Não se mexa. A senhora aí que é que está fazendo? Um... isso é grave! O senhor quem é? O' José, traga a maca... Não atrapalhem. E o senhor quem é que continua fazendo aqui?

— Eu... eu sou o filho dela.

— Bem, bem, então me acompanhe. Deixando atraz uma multidão de curiosos e de comentários a ambulância partiu. Quando atravessavam a ponte do Tietê um pneu estourou. Entre as precauções do enfermeiro, do “chofer”, Malaquias ajudou pacientemente a mudar o pneu.

Beirava as catorze horas quando o delegado começou o interrogatório.

— Seu dotô, minha mãe ia saindo, ela arasta um pouco...  
— Não me interessa histórias, conte o caso depressa, qual é o seu nome?  
— Malaquias Per...  
— E' brasileiro? Solteiro? Casado? E' reservista? Que é que o sr. faz? Vamos, responda depressa que eu tenho mais que fazer.

A pobre mulher continuava gemendo e o “seu dotô” continuava a fazer perguntas, a querer prender Malaquias, a querer saber quantos anos tinha, o que fazia, porque não fôra trabalhar. Perguntou novamente se era brasileiro, se morava com a mãe, quanto ganhava, se o pai era brasileiro e depois de se cansar de interrogar, descobriu que a velha chorava e que o braço inchava. Lembrou-se então que era preciso um médico e berrou:

— Seu enfermeiro, não vê que isso é caso de médico, que é que está esperando? Ponha essa mulher na ambulância leve para o Hospital.

O enfermeiro e o “chofer” emburrados, juntaram a pobre velha mais o filho, entraram na ambulância e, fazendo um barulho terrível, partiram para o Hospital das Clínicas.

(Continúa no próximo número).



# Coisas do H. C.



Sem Legenda

## QUANDO MORRE O DIA

Do lado do poente, o Sol mandava seus últimos raios, como que por favor, e indicava o fim de mais um dia de labuta.

Já não tinha o calor do meio-dia, nem sua coloração clara, amarelada. Tornara-se vermelho, e iluminava tenuemente as últimas horas que precedem a noite escura; seus raios colorem de róseo toda a natureza que então se entrega ao descanso.

E' o poq do Sol, o melancólico entardecer...

O poeta, inspirado, compõe ardentes estrofes; o religioso isola-se e ora, é a Ave-Maria; o sentimental deixa-se levar pela beleza do vespertino e recorda, sonha, devaneia, quase delira...

Quando inorre o dia... Hora que convida á meditação, á introsversão, ao ce-vaneio; hora romântica tão esperada para que nos entreguemos aos prazeres do amor.

Sem que se lhe possa impedir, a grande estrela se vai escondendo. As nuvens róseas dão lais côr romântica ao indescritível entardecer.

E' de se lamentar que chegue a noite, porque o belo luar que virá, não é tão lindo como o entardecer, sim, pois esta é a mais bela hora de todo um dia.

Numa solidão atroz, é nesta hora romântica que alguém, sozinho, constrói castelos à amada distante, abandonado, tendo por companhia única, seus sonhos e sua imaginação.

E todos cismam na hora romântica, o elancólico entardecer, o por do Sol quando morre o dia...

SONHADOR

## VOCE SABIA QUE...

... as aulas do Briquet são mais en-fadonhas que a conversa do Montes-santi.

... segundo Homero o médico é um homem que vale mais que muitos outros.

... Dupuytren grande cirurgião fran-cês, abriu de uma feita, um aneurisma da artéria axilar pensando que fosse um abcesso.

... os erros do médico a terra oculta. ... os cadernos do Laurindo fazem parte dos mais recentes Index da bibliografia médica.

... o Costinha como professor é um ótimo bedel.

... o Rosseto já foi apontador na al-fândega de Santos.

... Ivanishevich afirmou: "Edmundo Vasconcelos es uno de los cirurgianos

### 1 — CAIU A BASTILHA!!!

Finalmente, caiu em mãos dos inter-nos, a discutida "fortaleza". reduto das famosas "enfermeiras-chefes" que obe-deciam ao comando da destemida Cla-ricice, uma das "Ferrarin Sisters", ago-ra em acentuado declínio. Sentem-se orgulhosos os internos antigos em po-der oferecer aos novos de 1947, tama-nha dadiva, tal seja o 6.º andar, de-socupado e desinfetado"

### 2 — CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM

Nada podemos aciantar sobre o mes-mo, pois que até os indiscretos buracos de fechaduras das salas onde se reali-zaram as sessões, foram tapados com "esparadrapo que gruda mesmo" sem precisar passar na língua (ao contrário daquele que é, comumente fornecido ao Almoxarifado do Hospital). Entretanto, podemos imaginar que coisa muito boa não deve ter saído nesse Congresso, pois que quando as mulheres se reúnem e não deixam os homens ouvirem... é um Deus nos acuda!?!)

### 3 — NA COZINHA

Francamente, não entendemos o que lá se passa?!?)

A Chefe do Serviço, companheira de infância de Mário Tavares, anda assi-tindo às aulas do Prof. Alcântara (no que lhe invejam dezenas de gerações que passaram pela Faculdade, diga-se, de passagem). Ao em vez porém de melhorar as dietas dos bebês, a aluna extra-oficial de Pediatria tirou dos marmanjos o mingáu da manhã e a sopa da tarde. E, o que mais causou pasmo foi o motivo alegado: "falta de tijelas?!?)"

Ora, onde está então a indenização cobrada pelas tijelas que se quebram? Não acreditamos nisso e preferimos nos lembrar daquela clássica "boa vontade" da nóvel aluna! Quem sabe as coisas melhorariam, se ela ficasse "médica de verdade"?!?)

### 4 — COM OS CARECAS

Dois novos métodos serão usados pa-rra aqueles que nacia têm na cabeça (isto é, nada têm de cabelo, é claro?!?) : um é o "pó de gesso" que será experi-mentado pela primeira vez no dr. Pas-sarelli; e o outro é o "cavanhaque no queixo para futuro transplante" em pleno desenvolvimento no novo interno MARETTI.

### 5 — NA ORTOPEDIA

Com o retorno do Prof. Godoy ao Conselho, o Flávio que tinha sossega-do, voltou a se excitar. Como prova anda ele dizendo que precisa arranjar alguma penalidade ao Prof. Alípio em vista do mesmo ter operado no P. S. de Cirurgia, um caso de traumatologia. (Cuidado dr. Flávio, pois que o Prof. Alípio além de ser Major é o catedrá-tico de Traumatologia, por concurso!)

jovenes mas brillantes de América. Original en sua concepciones y realiza-

... que a despeito de aparentar oi-tenta anos o Celestino ainda tem dez anos de magistério.

ciones es el hombre multiple que inves-tiga en el laboratorio, estudia en el hos-pital, opera en el anfiteatro y en la sala de operaciones. Su tecnica es tan depurada que ningun gesto es inutil. Consideramos que el professor Vascon-celos es uno de los factores mas desta-cados de la pujante escuela quirurgica del Brasil!"

... que o Adhemar pretende aumen-tar as vagas da escola pra mil (!) (Já estamos com saudades de uma grevesinha salutar!)

Não? Pois fique sabendo.

VÃO BOBO

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA PAULISTA — RUA JANDAIA N. 50 — SÃO PAULO

### 6 — NO P. S. DE TRAUMATOLOGIA

— E' pobre? ... Entra.

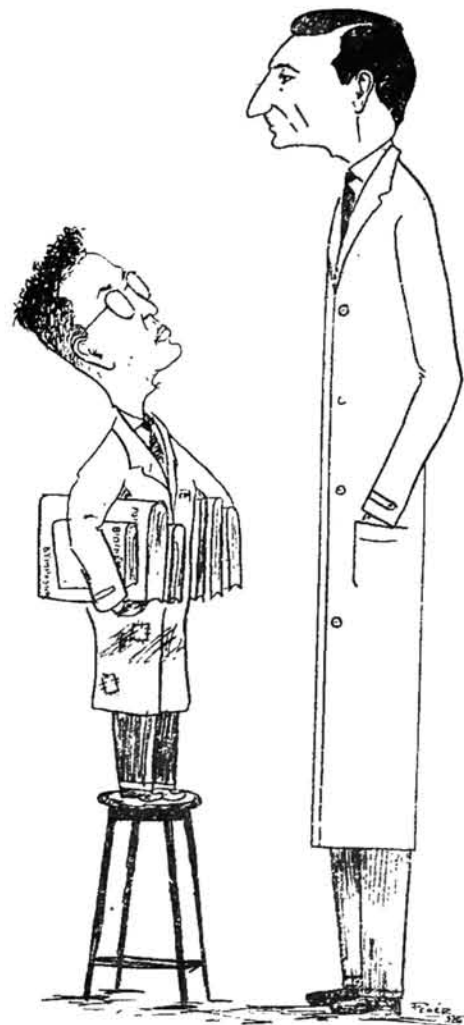
— E' rico?... Não pode ser tratado aqui.

Isto foi decidido por causa da enorme procura do P. S. quer por indigen-tes quer por tubarões e tubaronetes, o que vem mostrar quão eram sem base os motivos apresentados por certos per-sonagens do H. C., no sentido de res-tringir a atividade dos sextanistas de plantão a uma simples "assistência de camarote" Diziam eles que, se se es-palhasse por aí que estudantes traba-lhavam no P. S. ninguém mais pro-curaria este último. No entanto, os es-tudantes aptos têm tomado parte ativa nos casos, naturalmente sempre sob orientação superior. Apesar disso o P. S. é cada vez mais procurado. E porque isto? E' fácil de explicar: "Não se vai ao P. S. porque é fulano de tal que está lá, e sim, porque é um SER-VIÇO EFICIENTE, e mais nada.

### 7 — NA ESCOLA DE ENFERMAGEM

Congratulamo-nos com o sexo forte por ter, enfim, conseguido lançar uma cabeça de ponte na E. E.; pois, acaba de ingressar na mesma um moço (Ho-mem, mesmo!!!). A notícia, como era de se esperar causou preocupações entre os galãs, namorados ou noivos e mesmo entre os neutros. Porém a re-portagem da sala 4048 acaba de apre-goar a seguinte notícia tranquilizadora: "O rapaz é distinto e "externo"!!! (Upa!?!).

K. K.



Veiga Sales, velho amigo Vendo-me assim amolado Com tantos livros do lado Veja se não está comigo.

Eu velho amigo da alquimia Digo, de acôrdo com minha teoria Estes livros aqui amontoados Todos, todos estão errados.

VAVA'

## Acontecimentos esportivos

— O arqueiro do esquadrão de fute-bol do CAOC, Terreri, vai abandonar a medicina. Passará a criar frangos na novel Granja Rio Branco, situada no Estádio Municipal do Pacaembú.

— O Vignola portou-se maravilhosa-mente na corrida de trezentos metros da última Mac-Med. Muitos coredores de cartaz foram inapelavelmente der-rotados. Após a prova uma fã aproxi-mou-se do maior médio universitário brasileiro (sic) e entusiasticamente o cumprimentou: — "Muito bem, Rober-to. Você agiu como um homem!"

— A Medicina venceu brilhantemen-te o Mackenzie em futebol. No noticiá-rio dos jornais havia uma frase que a todos intrigou: — "Amato, que entrou nos últimos minutos, foi o melhor ele-mento em campo". A turma alvi-verde não suportou a injustiça e procurou in-vestigiar. Não é necessário dizer que fi-

cou constatado que se processara mo-numental suborno do reporter encarre-gado do serviço da Mac-Med.

— O Funfas não mais praticará o fu-tebol. Dêsse modo, colocou à venda a sua discutidíssima bicicleta lusa.

— O Adrenalina, vulgo Cotrim, anda ofendido. E explica-se: — "Eu nunca fui badalo do Zé Ramos e muito menos sou mascarado de craque, como alegam por aí"

— O Abdala, em um grupo de de-portistas: — "Futebol sim é que é es-por-te. Como me agrada praticá-lo! Bem, não é possível ser de outro modo, pois é num gramado de futebol que eu liberto o meu Eu"...

— Certa manhã, na piscina do Albi-no, matutava o Belda: — "Agora per-cebo. Será que o meu bitrocantérico é mesmo duvidoso?"

## Soneto ao gosto antigo

As suaves lembranças ressentidas,  
Que me procuram com menor frequência,  
São meigas sombras cheias de inocência,  
Que temem, que recusam despedidas.

Ei-las, e as faz mais belas a eloquência,  
Um as ansiosas, outras compungidas,  
Concitando-me ainda às mesmas lidas  
Em que queimei flôr da adolescência.

E não se vão jamais sem que primeiro  
Até a mais formosa o derradeiro  
Argumento das lágrimas esgote.

E eu, Sancho, sinto agora a vida a esmo.  
Parece que a verdade estava mesmo  
Nas guerras ideais de Don Quixote...

HOMEM DE MELLO



# As nossas colegas enfermeiras...

Caro ex-colega,

Deveras surpreendido com seu artigo inserto no último "Bisturi", em resposta a uma nota de minha autoria, julgo dever responder-lhe de público. Logo ás primeiras linhas do seu artigo-resposta já pude notar que o amigo mudou por completo o seu modo de pensar em relação ás jovens universitárias da Escola de Enfermagem. Tudo o que eu

CARTA AO DR. K. K.

citara em meu artigo representava para a época a pura verdade colhida pela observação, e ainda mais, pelos comentários feitos quer nas enfermarias, quer aqui na Faculdade. Na realidade talvez, tenha usado um pouco de fantasia quando me referi aos "apartamentos" das colegas que reputei "luxuosos"; porém, agora, diante da afirmação sua, que diz conhecê-los in-loco e que na realidade "não passam de enfermarias, abrigando cada uma, três, quatro, cinco e até mais moças e é providas praticamente de móveis", curvo-me respeitosamente e retiro as expressões usadas, acrescentando no entanto que o "Bisturi" publicou em setembro de 1946 um conjunto de críticas ao H. C. sob o título *Conferências e notícias do H. C.*, entre as quais destacamos pela sua oportunidade a seguinte: "... apesar de terem melhorado as condições de moradia aí fora, as enfermeiras continuam "hospedadas" no hospital. As razões deste fato permanecem ocultas, pois o número de horas de seus "serviços" continua absurdamente mínimo, relativamente. Elas repetem algo como aquele célebre aforisma das Irmãs Ferrarini... "Este hospital será sempre nosso hotel gratuito..." E os médicos e estudantes

que continuam a dormir mal ou a não dormir... (as poltronas estão escasseando...)"

Por aí V. vê que não fui o único a criticar as zinhas, ou então eu seria obrigado a crêr numa "topografia" difícil do articulista como quer você.

Continuo discordando com a existência da sala do 5.º andar onde V. alega que elas fazem higiene mental: discordo porque, nós alunos do 4.º, 5.º e 6.º anos que frequentamos o H. C. não temos nada disso, e quando após o almoço queremos dormir um pouco vamos nos enfiar lá no 8.º andar ás escondidas na sala dos doentes ou na sala do Tisi. Outra questão: você já visitou as obras em construção do "Palácio da Enfermeira"? Não? Então vá visitá-las e depois relate alguma coisa sem partidatismo; não acho justo aqueles apartamentos que darão todo o conforto á elas quando os pobres "estudantes pobres" tem que morar no Braz, Barra Funda, Vila Mariana, Ipiranga, Pirituba, Juqueri, etc., sujeitos a condução difícil á vida de custo elevado á brigã com a dona da pensão e tudo o mais que V. não desconhece e melhor do que eu poderia descrever.

Terminando creia que a vida no H. C. não é "toda loira" como lhe pare-

ce, lembre-se bem que o "amor é mais forte que a morte", e não seria de estranhar se o vissemos qualquer dia conservador em contraste com a vida idealista e empreendedora que hoje V. leva.

Pelo geitão a coisa vai mal. Abraço cordial do

VÃO BOBO.

## Groquis

Esguio e sêm enxuncia, nem alto e nem baixo, seu corpo — á igual distancia do Hércules e do Pigmeu — repousa no mundo desprezioso das proporções ecléticas; e quando anda, inclina-se um pouco para a frente sob o peso do seu crâneo á Rui enquanto um braço apenas balouça e o outro permanece esquecidamente pendido...

No meio do seu rosto comprido e magro se ergue, perigoso e agressivo como um bico de abutre, o seu nariz adunco e fino.

O bigode ralo desce-lhe das narinas ás commissuras e, á semelhança do telhado de um dèsses graciosos pagodes japoneses, sombreia-lhe os lábios finos e frios. Frios? Não, mil vêze não! Está errada essa teoria especulativa — muito boa para romances e biografias romanceadas — que fala em lábios polpudos, sinônimos de sensualidade, e lábios finos, sinônimos de frieza. Nos seus lábios de gume a frieza é aparente, é enganosa; ela desfalece ao primeiro sopro sentimental como a espuma do Caracú ao contacto de um pedacinho de queijo...

Senão, como explicar o tremor emotivo que lhe faz dansar os cantos da boca, a emoção que lhe obscurece a mente, ao saber-se alvo de uma homenagem? E que dizer da chama — sutil e sorateira, é bem verdade — que arde em cada uma das suas palavras ao falar do grande Bovero, êle, não menos grande nem menos querido?

Seus olhos, pequenos e vivos, brilham — brilham por traz das lentes e por baixo das sombrancelhas escassas que se equilibram sobre as suas arcadas proeminentes... São olhos de linco, olhos perscrutadores e penetrantes, olhos tolstoianos... Sua frente é alta, cheia, bombeada e parece continuar cabeça acima á custa da calvície que se estende da testa ao occipito, separando em duas metades a cabeleira escassa e encanecida. Seu crâneo é alto em "torre" como o de Walter Scott e que Fritz Kahn chama de "crâneo do futuro". Eis aí um dos mais belos templos de Minerva, encantador pela sua espantosa simplicidade, formidável no grandioso que encerra; um Universo inteiro de Saber e Virtudes, espremido num espaço inexistente...

Enfim seus dedos... São finos, ponteados, quase feminis, e o indicador apontado ameaçadoramente, cruza o ar e fura o espaço próximo com firmeza, como o afiado punhal de Virgulino, frizando bem as suas palavras secas, quase rípidas... E nos ditos sutilmente ferinos, "o fura-bolo" dá também uma estocada no ar, e nós, seus discípulos, nos remexemos na cadeira, tocados pela sua alfinetada moral mas sorrindo de admiração e de orgulho! Eis o croquis grosseiro, pincelado com palavras, desse mestre que é todo simplicidade e que "gesticula na sua divina cólera" ao ouvir as nossas absurdas expectorações anatômicas... mais outra prova de que não é tão frio como seus lábios fazer crer.

Eis, reputo, o croquis do Homem — êsse que há milhares de séculos um filósofo de barbas brancas, os pés descalços e braços nus, de lanterna em punho vagava pelas ruas de Aténas á sua procura.

Ass.: — A CORUJA E O "M".

## Dr. Gerson Novah

Após brilhante concurso, conquistou a Livre-Docência de Anatomia Descritiva e Topográfica, o dr. Gerson Novah, um dos grandes valores que se formaram á sombra da figura sempre grande de Bovero.

Amigo dos alunos, modesto e culto, Gerson Novah desde os bancos acadêmicos luta nesse campo pedregoso que é a Anatomia. Professor de reais méritos, ministra com sabedoria e honestidade suas aulas. Grande estudioso tem, com o fruto de suas pacientes pesquisas, abrilhantado a trajetória luminosa do Departamento de Anatomia.

O "O Bisturi" presta aqui sua homenagem sincera ao novel Livre Docente e felicita o Departamento de Anatomia por mais essa vitória.

Gerson Novah nasceu no Estado de São Paulo a 22 de julho de 1908. Fêz o curso secundário no Ginásio do Estado da Capital onde se diplomou em 1927. Formou-se em 1935 pela Faculdade de Medicina de São Paulo. Em 1941, com distinção, grau 10, defendeu Tese de Doutoramento com o trabalho — "Con-

tribuição Para o Estudo da Anatomia Do Ganglion Ciliare e Suas Conexões no Homem" Depois de exercer a medicina na cidade de Anápolis, Estado de Goiaz, foi, em 1938, nomeado Assistente desta Faculdade.

De 1938 a 1943 exerceu o cargo de Segundo Assistente de Anatomia Descritiva e Topográfica.

De 1940 a 1942, foi professor de Anatomia no Curso de Nutricionistas do Instituto de Higiene.

De 1943 até o presente exerce o cargo de Professor de Anatomia da Escola de Enfermagem.

Em junho de 1944 foi nomeado para, em comissão, exercer o cargo de 1.º Assistente desta Faculdade.

Seus principais trabalhos publicados são:

"Duas Variedades do Sistema Frênico-Parafrenico" no Homem. "Alguns dados sobre a Concha Ossis Sphenoidis e sua Sinostosi com os Ossos Etmoides e Esfenoide" "Contribuição para o Estudo da Anatomia do Ganglion Ciliare e suas Conexões no Homem" "Alguns dados sobre a Remanescência da Artéria Gástrica Esquerda no Homem".

# Cr\$ 3.000,00

EM

-:- LIVROS DE MEDICINA -:-

AMIGOS DE "O BISTURI" — COOPEREM NA CAMPANHA PRO' INSTALAÇÃO DA SEDE PROPRIA COMPRANDO AS RIFAS DE

-:- "O BISTURI" -:-

EXTRAÇÃO A' 16 DE MAIO

## Não pode!!!

"Quando você vai indo com a farinha eu já vou voltando com o fubá" (apud, Faria, S. Paulo).

Logo que transpuzemos os humbrais da magestosa Faculdade soubemos da "fama" do secretário:

— "O dr. Faria!?! Aquêlê sujeito é o diabo em pessoa", etc., etc...

E, não raro, ouvia-se a indagação de algum novato: "Quem é o tal do Faria?". E, muitas vêzes, antes que tal curiosidade fôsse satisfeita, mais referências sobre a personalidade e sobre as atitudes do "Homem" eram transmitidas de um para outro, quer no Salão do Lucas, enquanto se seperava o suplicio de uma tricotomia facial ou nos laboratórios ao se manusear uma tibia.

Eram sempre os revoltados a se lamentarem que o dr. Faia não deixara fazer isto ou mudar aquilo. A's vêzes, porém, as citações pertenciam ao passado e então víamos o "crack" do futebol ou o aluno de medicina suspenso por um ano, medida tomaça pelo saudoso Arnaldo contra a turma a que o dr. Faria pertencia (que disciplina!).

Problemas os mais variados, lutas coletivas e outros motivos foram colocando o dr. Faria ao alcance de uma análise mais acurada. E' assim que sempre que se lhe sugeria qualquer coisa, isto é, que se "ia levar a farinha", segundo sua própria expressão, êle sorria, negava e se justificava dizendo que "já vinha voltando com o fubá". E, não se demorava muito em apontar sobre aquela mesa (que mesa!) que só êle entendia, um sem número de leis e regulamentos com os respectivos artigos e parágrafos bem anotados e grifados. (Isto era o fubá...). Saia-se, assim da sua sala com a conclusão de que êle era o entrave de tudo.

E' que o secretário da Faculdade, e isto a gente conclui mais tarde, não se afastava das normas já traçadas, para o bem da própria Escola. Tanto é assim que se o seu filho, atual aluno ("o filho do Faria", como é conhecido pelos colegas) procurasse o pai para alguma coisa que exigisse uma torção, leve que fôsse dessas normas, estamos certos que ficaria órfão nêsse empreendimento.

Aproximando-nos do fim do curso, vamos concluindo que o Faria é um alcece básico da disciplina e da vida da nossa Escola. Vamos ver que os seus sistemáticos "Não" e "Não pode", pronunciados ás vêzes antes que tenha conhecimento exato do que se trata, não vêm do seu coração, que, muitas vêzes está querendo dizer "Sim".

Quem sempre diz "Não", não é o Faria e sim o próprio instinto de conservação da Faculdade!

Comemorando-se, êste ano, a passagem do 25.º aniversário da sua gestão, não poderíamos deixar de analisar, a nosso modo, a sua útil, trabalhosa e dedicada carreira.

UM QUARTO DE SÉCULO AINDA E' POUCO, DR. FARIÁ!

ESPERAMOS QUE CONTINUE, POR MAIS UM SÉCULO A "TRAZER SEMPRE DE VOLTA O FUBÁ", ENQUANTO DEZENAS DE GERAÇÕES "AINDA ESTARÃO LEVANDO A FARINHA"